

# Produção e Utilização de um Documentário Sobre Violência Sexual Contra Meninos

Jean Von Hohendorff  
Luísa Fernanda Habigzang  
Leandro Soares Rodrigues  
Sílvia Helena Koller

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, RS, Brasil*

---

## RESUMO

As estratégias preventivas e terapêuticas relacionadas à Violência Sexual (VS) contra crianças e adolescentes têm tido foco predominante na população feminina. A VS contra meninos é pouco abordada e iniciativas nessa temática precisam ser desenvolvidas com objetivo de contribuir para maior identificação e notificação dos casos, assim como desenvolvimento de intervenções psicossociais mais efetivas. Diante disso, o objetivo deste artigo é o de relatar o processo de produção e utilização de um documentário sobre VS contra meninos como estratégia de intervenção psicoterapêutica para estes casos. O embasamento científico como norteador para o conteúdo abordado, bem como a importância da consulta a matérias audiovisuais já produzidos sobre VS foram aspectos importantes no processo de produção do documentário. O emprego do documentário com três meninos em tratamento psicológico indicou sua adequação, facilitando o processo de revelação, no contexto psicoterapêutico, das situações de VS sofridas por eles.

**Palavras-chave:** Violência sexual; meninos; documentário.

## ABSTRACT

### *The Production and Use of a Documentary About Sexual Violence Against Boys*

The preventative and therapeutic strategies related to sexual violence (SV) against children and adolescents have been primarily focused on the female population while SV against boys is rarely examined. Initiatives on this theme must be developed in order to contribute towards greater identification and notification of such cases, as well as to develop more effective psychosocial interventions. Given this, this article describes the production and use of a documentary about SV against boys as a psychotherapeutic intervention strategy for these cases. The scientific foundation acting as the guide for the examined content as well as the importance of consulting already-created audiovisual materials about SV were important aspects in this documentary's production process. The utilization of the documentary in the psychological treatment of three boys indicated its aptitude for facilitating, in a psychotherapeutic context, the revelation of the SV they suffered.

**Keywords:** Sexual violence; boys; documentary.

## RESUMEN

### *Producción y Uso de un Documental sobre Violencia Sexual contra Niños*

Las estrategias preventivas e terapéuticas relacionadas con la violencia sexual (VS) contra niños, niñas y adolescentes se han enfocado principalmente en la población femenina. La VS contra niños es poco abordada y es necesario desarrollar iniciativas en esta temática con el objetivo de contribuir para la mayor identificación e notificación de los casos, así como para el desarrollo de intervenciones psicossociales más efectivas. Teniendo en cuenta lo anterior, el objetivo de este artículo es el de relatar el proceso de producción y uso de un documental sobre VS contra niños como estrategia de intervención psicoterapêutica para estos casos. El fundamento científico como guía del contenido abordado, así como la importancia de consultar el material audiovisual ya producido sobre VS, fueron aspectos importantes en el proceso de producción del documental. El empleo del documental en tres niños en tratamiento psicológico mostró que es adecuado, facilitando el proceso de revelación, en el contexto psicoterapêutico, de las situaciones de VS sufrida por ellos.

**Palabras clave:** Violencia sexual, niños, documental.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é relatar a experiência de produção e utilização de um documentário intitulado *Superar – a violência sexual contra meninos*, bem como sua utilização com crianças e adolescentes do sexo masculino vítimas de Violência Sexual (VS) participantes de psicoterapia cognitivo-comportamental focada no trauma. Os conteúdos abordados no documentário foram as características gerais da VS e suas consequências, com ênfase na importância de sua revelação, notificação e do acompanhamento psicoterapêutico.

Assim como ocorre com a VS contra meninas, a sua ocorrência contra vítimas do sexo masculino requer visibilidade social para que os profissionais e a sociedade possam percebê-lo com um problema de saúde pública (Holmes, Offen e Waller, 1997). Uma das possibilidades de tornar a VS contra meninos mais visível socialmente é a abordagem da temática em materiais audiovisuais. Tais materiais, principalmente vídeos, podem ser utilizados como dispositivos em intervenções psicoterapêuticas para facilitar os relatos das vítimas no contexto terapêutico, reduzir sentimentos de estigmatização, compreender a dinâmica da VS pelas vítimas e discutir mitos e concepções equivocadas desta forma de violência (Habigzang et al., 2009; Padilha e Gomide, 2004). Além da utilização em intervenções psicoterapêuticas, materiais audiovisuais podem ser utilizados em capacitações com profissionais, tais como professores, auxiliando-os no manejo de casos de suspeita e confirmação de VS contra crianças e adolescentes (Brino e Williams, 2003).

Estimativas indicam que uma entre cada quatro meninas e um entre cada seis meninos são vítimas de VS antes de completar 18 anos (Sanderson, 2005). No Brasil, os dados do Programa Nacional de Enfrentamento da VS contra Crianças e Adolescentes (2010) referentes ao período 2003-2010 indicam diferenças ainda maiores entre os sexos. Foram recebidas 214.689 denúncias de VS, negligência, violência física e psicológica com a especificação do sexo da vítima. O percentual entre vítimas masculinas e femininas que mais diferiu foi nas situações de VS, sendo 62% para o sexo feminino e 38% para o sexo masculino. Em todas as modalidades apresentadas (exploração sexual, tráfico de crianças e adolescentes, abuso sexual e pornografia) as vítimas do sexo feminino foram em maior número, obtendo o índice de 82% nas ocorrências de exploração sexual. Nas situações de abuso sexual e pornografia, as vítimas do sexo masculino apresentaram aumento em relação às

demais modalidades, mas ainda foram em menor porcentagem (30%) do que no sexo feminino. Embora os dados indiquem maior prevalência de casos de VS contra meninas, não é possível afirmar que esta ocorra em menor número contra meninos, pois os resultados de estudos de prevalência são baseados, em sua maioria, em casos notificados (Habigzang, Koller, Azevedo e Machado, 2005; Inoue e Ristum, 2008; Lucânia, Miyazaki e Domingos, 2008; Martins e Jorge, 2010; Pelisoli, Pires, Almeida e Dell'Aglio, 2010).

A revelação da ocorrência da VS é o primeiro passo para que a notificação seja feita e, a partir disso, as medidas protetivas sejam executadas conforme prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Brasil, 1990). Porém, crianças e adolescentes vítimas de VS, geralmente, têm dificuldade em relatá-la. A ocorrência de VS contra crianças e adolescentes, especialmente a intrafamiliar, é mantida por uma dinâmica complexa, na qual diferentes fatores podem estar envolvidos. Dentre os fatores, destaca-se a presença de ameaças e barganhas, resultando na “Síndrome de Segredo”. Esta síndrome caracteriza-se pelo medo que as vítimas têm de possíveis reações dos agressores caso revelem a ocorrência da VS, bem como a ambivalência de sentimentos em relação a estes. Embora as vítimas sintam-se mal ou desconfortáveis em relação à violência, elas também podem apresentar sentimentos positivos em relação aos agressores, que desempenham um papel de cuidadores em vários casos (Furniss, 1993).

Em um estudo de caso de um menino de 13 anos vítima de VS foi possível perceber a dificuldade em proceder à revelação, bem como os fatores envolvidos (Almeida, Penso e Costa, 2009). A revelação foi feita três anos após o início da violência sexual, devido, principalmente, à presença de barganhas e privilégios. O agressor presenteava a vítima com bens materiais que seus pais não tinham condições de adquirir, era atencioso e carinhoso com o menino, além de lhe fazer ameaças caso revelasse a violência que vinha sofrendo. Apesar dos prejuízos psicológicos que a vítima sofreu durante o período, este foi induzido a manter a situação em segredo.

Em meninos, especificamente, o processo de revelação é dificultado devido a padrões de masculinidade baseados na independência e no estoicismo (Sanderson, 2005; Weiss, 2010), devendo aceitar e suportar o que lhe acontece. Desta forma, a VS contra meninos pode ser banalizada, enquanto que sua ocorrência em vítimas do sexo feminino é melhor compreendida pela sociedade (Pfeiffer, e Salvagni, 2005; Pinto Junior, 2005). Isto se reflete em campanhas de prevenção e materiais publicitários

que abordam a VS contra crianças e adolescentes. As imagens utilizadas nestes materiais remetem, em sua maioria, a meninas. Estas são, também, a população predominantemente estudada em pesquisas científicas nacionais (Cerqueira-Santos, Rezende e Correa, 2010; Dobke, Santos e Dell'Aglio, 2010; Habigzang, Stroehrer, Hatzenberger, Cunha e Koller, 2009). Em contrapartida, o número de estudos nacionais publicados que abordam vítimas do sexo masculino é escasso. Por meio de um levantamento breve não sistemático de estudos brasileiros sobre o tema realizado em bases de dados nacionais (BVS Psi e Scielo, Periódicos Capes), utilizando os descritores abuso sexual, VS, meninos, homens, combinados sistematicamente, apenas uma publicação foi encontrada (Almeida et al., 2009).

Dentre os estudos sobre VS, o trabalho de Habigzang et al. (2009) avaliou um modelo de grupoterapia cognitivo-comportamental para meninas vítimas. Durante a segunda sessão da grupoterapia, o documentário intitulado Canto de Cicatriz (Atena Produções, 2005), sobre a VS contra meninas, foi utilizado com o objetivo de facilitar o relato das participantes sobre a experiência traumática, bem como intervir em percepções de culpa e estigmatização decorrentes da VS. De forma semelhante, o filme *Marcas do silêncio* (PlayArte, 1996) e o vídeo *De braços abertos* (Souza, Kuhn e Lima, 1999) foram utilizados durante um processo terapêutico em grupo para meninas adolescentes vítimas de VS (Padilha e Gomide, 2004) com o intuito de dessensibilizar as participantes para o relato, bem como abordar as emoções decorrentes. Ambos os materiais utilizados abordavam somente casos de VS contra meninas e mulheres. Desta forma, percebe-se a necessidade e a eficácia do uso de materiais audiovisuais para meninas vítimas de VS. O mesmo não ocorre para meninos, sendo necessário, então, o desenvolvimento de dispositivos que abordem a VS contra meninos.

### A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO SUPERAR – A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MENINOS

O objetivo inicial da produção do documentário foi a sua utilização como dispositivo facilitador para o relato acerca da VS sofrida por meninos participantes de psicoterapia cognitivo-comportamental. A partir disso, buscou-se a parceria com o Núcleo de Ensino e Produção de Vídeo (NEPTV), da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), da UFRGS. O projeto do documentário foi idealizado pelo primeiro autor, o qual também foi responsável

pelo seu roteiro. A direção e edição foram executadas pelo terceiro autor. A equipe contou, ainda, com assistentes de gravação e edição, membros do NEPTV.

Inicialmente, buscaram-se materiais audiovisuais sobre VS que foram utilizados em intervenções psicológicas com crianças e adolescentes vítimas de VS (Habigzang et al., 2009; Padilha e Gomide, 2004) para consulta quanto ao seu formato e conteúdo. A partir desta investigação, o documentário *Canto de Cicatriz* (Atena Produções, 2005), que enfatiza depoimentos de vítimas de VS intercalados com relatos de profissionais com experiência sobre a temática, foi escolhido como inspiração para a confecção do *Superar*. A finalidade dessa consulta não foi a de adaptar esse material ao público masculino, mas identificar aspectos relacionados à VS e como foram abordados.

A partir da escolha do formato do documentário, o pré-roteiro do *Superar* foi redigido com base na literatura científica sobre VS. Foram encontrados estudos nacionais (Almeida et al., 2009; Kristensen, 1996; Pinto Junior, 2005; Pires Filho, 2007) e internacionais (Collings, 1995; Holmes e Slap, 1998; Lisak, 1994; Steever, Follete e Naugle, 2001; Tremblay e Turcotte, 2005; Ulman e Filipas, 2005; Weiss, 2010) sobre a VS contra meninos. Estes materiais foram utilizados como embasamento científico na escolha dos eixos balizadores do pré-roteiro do documentário *Superar*. Neste, foram descritas as principais informações que se planejava incluir no documentário, bem como a ordem em que deveriam ser abordados: 1) características gerais da VS e suas consequências; 2) o segredo e o processo de revelação da VS; e 3) a importância de notificação do caso e da psicoterapia.

### CONVITE AOS PARTICIPANTES

A abordagem da VS contra crianças e adolescentes requer o diálogo entre várias disciplinas devido ao envolvimento de aspectos psicológicos, médicos, sociais e jurídicos (Habigzang et al., 2006). Assim, optou-se por incluir no documentário, além do depoimento de uma vítima do sexo masculino de VS, o relato de três profissionais de diferentes áreas, que atuavam em diferentes elos da rede de proteção: Psicóloga, Juiz da Infância e Juventude e Conselheira Tutelar.

Iniciou-se, então, a busca por uma vítima de VS que se dispusesse a dar seu relato e autorizasse sua inclusão no documentário. Devido a questões éticas e legais relacionadas à utilização de imagens de crianças e adolescentes, optou-se por buscar um adulto que havia sido vítima de VS na infância ou adoles-

cência. A busca desta vítima foi feita em redes sobre VS existentes nas redes sociais na internet e, também, por meio de indicação de profissionais. Mensagens acerca do objetivo do documentário e convite para participação foram disponibilizadas nestas comunidades. Contatos com psicólogos e conselheiros tutelares da rede de proteção e atendimento de um município da região metropolitana de Porto Alegre solicitando possíveis indicações também foram feitos. Embora algumas pessoas tenham respondido às mensagens colocadas nas redes sociais, nenhuma delas era vítima de VS. Em relação ao contato com a rede de proteção e atendimento, nenhuma indicação foi feita pelos mesmos tendo em vista que o foco desta rede é o atendimento às crianças e adolescentes.

Por meio de um relato vinculado em uma telenovela, que tratava da questão da VS contra meninos, obteve-se o nome de uma vítima masculina. Após a exibição deste relato, iniciou-se uma busca em redes sociais a fim de encontrar esta pessoa. A procura foi bem sucedida e, após uma troca de mensagens, a identidade da vítima foi confirmada. Tratava-se de um homem de 43 anos que fora violentado sexualmente dos oito aos 12 anos por um empregado de confiança da família. Verificou-se, então, a possibilidade de sua participação no documentário. Foi necessário saber, também, o local (estado e cidade) de residência da vítima de VS a fim de verificar a possibilidade de deslocamento da equipe envolvida com a produção do documentário. Diante da proximidade entre as cidades, foi feito o convite para sua participação e este foi aceito. Por meio da troca de e-mail, a data, o horário e o local para a gravação do relato foram discutidos entre os integrantes da equipe de produção do documentário e a vítima.

Os convites para que os profissionais com experiência na temática gravassem seus relatos foram feitos via e-mail. Os objetivos do documentário foram explicitados no convite e solicitou-se a confirmação da participação por escrito. Após a confirmação, as datas, horários e locais das gravações foram combinados via e-mail e telefone.

## GRAVAÇÃO DOS RELATOS

Optou-se por iniciar as gravações pelo relato da vítima de VS para, então, prosseguir com os demais. O objetivo deste procedimento foi o de ter conhecimento dos aspectos que seriam abordados pela vítima em seu relato, os quais poderiam, posteriormente, ser esclarecidos e complementados pelos relatos dos profissionais participantes.

Foram utilizadas duas câmeras para as gravações (Sony PD150, Mini-DV e Sony DCR-SR72 Handycam HDD) com a vítima e com os profissionais, uma delas posicionada em frente à pessoa e outra na sua lateral direita, além de um microfone unidirecional. O objetivo da captação dos relatos com duas câmeras posicionadas em locais diferentes foi o de obter imagens frontais e laterais para intercalá-las no documentário final. Participaram das gravações, além da vítima, o roteirista, o diretor e um assistente de câmera. Antes de cada gravação, o objetivo do documentário e sua futura utilização foram explicitados e um termo de consentimento livre e esclarecido foi assinado. Todos os participantes (vítima, juiz, psicóloga e conselheira tutelar) receberam a instrução de falar de forma livre sobre sua experiência com a temática sem se preocupar com possíveis “erros”, uma vez que a gravação seria editada posteriormente. Ao final de cada gravação foi solicitado que os participantes gravassem um “recado” para meninos vítimas de VS, os quais seriam inseridos ao final do documentário.

A gravação com a vítima de VS teve duração de aproximadamente 40 minutos e foi realizada no pátio da Universidade durante o período de recesso das aulas. Optou-se por realizar a gravação ao ar livre com o intuito de dar “leveza” ao relato, que contemplou a descrição sobre os episódios de VS perpetrados por um empregado de confiança da família, os sentimentos da vítima e sua dificuldade em relatar o que ocorria, bem como os benefícios da revelação quando esta foi feita. Não foi necessário solicitar complementos ao relato, uma vez que este contemplou os aspectos principais abordados pela literatura da área. Após a gravação, verificou-se como a vítima estava se sentindo. Ele afirmou que estava bem, pois já havia falado sobre esse assunto em outras ocasiões. O roteirista colocou-se à disposição para possíveis dúvidas ou questões que pudessem surgir após a gravação.

A inclusão do relato de uma psicóloga, doutora em Psicologia, com experiência em intervenções psicológicas para crianças e adolescentes vítimas de VS, teve o objetivo de explicar as consequências da VS e a importância da psicoterapia. A participação de um juiz de uma Vara da Infância e Juventude de Porto Alegre e de uma conselheira tutelar da região metropolitana de Porto Alegre tiveram como objetivos abordar os direitos das crianças, bem como o papel do Juizado da Infância e Juventude e do Conselho Tutelar em situações de VS. Além das especificidades de cada área (Psicologia, Judiciário e Conselho Tutelar) foi solicitado que os profissionais

relatassem exemplos de casos de VS contra meninos, atentando para o sigilo quanto à identidade dos envolvidos. O objetivo da gravação dos relatos sobre estes exemplos de casos foi o de alertar, durante o documentário, para a existência de casos de VS contra meninos e a importância de sua revelação para um adulto de confiança desmistificando a ideia de que meninos não são vítimas dessa forma de violência. A gravação de cada relato teve em média 25 minutos de duração. Foram utilizadas quatro fitas Mini-DV 60 min. para a gravação dos relatos da vítima e dos profissionais. O conteúdo destas foi transferido para a ilha de edição na qual o material foi editado.

## EDIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

Após assistir a cada relato, o roteirista do documentário procedeu a degravação destes. Foram anotados os tempos de trechos dos relatos (da vítima e profissionais), os quais foram agrupados em seis blocos: introdução; características gerais da VS; revelação e consequências; importância de buscar ajuda com adulto de confiança ou órgãos da rede de proteção; importância da psicoterapia; e mensagem final. Tais blocos foram incluídos no pré-roteiro. Além disso, foram incluídos no roteiro os seguintes conteúdos: o conceito de VS, uma poesia sobre a temática, dados de pesquisa sobre prevalência, imagens que remetiam ao tema do documentário e cenas de um filme e de uma novela. A partir disso, o roteiro do documentário estava finalizado.

A edição iniciou-se pela composição de cada um dos seis blocos. O software Adobe Premiere CS3 foi utilizado para a edição deste material. As transições entre as diferentes cenas foram suavizadas com o efeito cross-dissolve. O som foi editado diretamente na faixa de áudio do software, atenuando os volumes de cada cena e padronizando-os. A divisão do conteúdo dos relatos por blocos foi realizada com o objetivo de abordar diferentes aspectos da VS e, após, uni-los em uma sequência única.

O bloco “introdução” foi composto por trechos de relatos (a) da vítima, nos quais ele falou sobre seus sentimentos e sobre um dos episódios de VS sofrido; (b) da psicóloga, nos quais a ocorrência e a gravidade da VS foram abordadas; e (c) da conselheira tutelar versando sobre um caso atendido por ela. Além disso, foram inseridos uma poesia intitulada Super(ação), escrita por uma psicóloga especialmente para a utilização neste documentário, e dados de pesquisas sobre a prevalência de VS contra meninos (Polanczyk et al., 2003; Sanderson, 2005).

No bloco “características gerais da VS” foram incluídos trechos dos relatos do juiz, da psicóloga e da vítima. Além disso, no início desse bloco, inseriu-se uma narração com o conceito de VS do Ministério da Saúde (2002). Durante a narração foi utilizada uma imagem de fundo de uma tela de um artista plástico, na qual vários bonecos estão em um tabuleiro representando um jogo. As principais formas de VS (com e sem contato físico) foram inseridas de forma textual com o objetivo de enfatizá-las. Os conteúdos dos trechos dos relatos dos profissionais inseridos neste bloco enfatizaram alguns mitos sobre a ocorrência da VS contra meninos, os comportamentos típicos dos agressores com ênfase às ameaças e o sentimento de culpa das vítimas. Os trechos do relato da vítima focalizaram os episódios de VS sofridos, bem como as ameaças do agressor. Um trecho do filme *O lenhador* (Lee Daniels, 2004) foi utilizado para exemplificar o comportamento dos agressores.

Os aspectos relacionados à revelação da VS e suas consequências foram abordados no bloco “revelação e consequências”. Neste bloco incluíram-se trechos do relato da vítima nos quais foram retratados os seus sentimentos, as dúvidas quanto à sua sexualidade e a dificuldade em relatar a violência para seus pais. Além disso, trechos dos relatos de profissionais (psicóloga e conselheira tutelar) foram incluídos. Tais trechos enfatizaram a dificuldade e o medo das crianças e adolescentes de revelar a violência, bem como as dúvidas quanto à sexualidade comuns em meninos vítimas de VS. De forma complementar, o penúltimo bloco “importância de buscar ajuda com adulto de confiança ou órgãos da rede de proteção” agrupou trechos dos relatos da vítima e de todos os profissionais participantes do documentário. O processo de buscar ajuda e revelar a VS, bem como suas dificuldades e vantagens foram aspectos enfatizados neste bloco.

No bloco “importância da psicoterapia” incluiu-se trechos dos relatos da vítima e dos profissionais (psicóloga e conselheira tutelar). O encaminhamento de um menino vítima de VS para um serviço de psicologia relatado pela conselheira tutelar foi utilizado como exemplo, além de um trecho do relato da vítima no qual a importância do tratamento psicológico foi abordada. Trechos do relato da psicóloga sobre o funcionamento da psicoterapia, bem como seus benefícios foram enfatizados neste bloco. Por fim, utilizou-se uma cena de um capítulo de uma novela (*Passione* – Central Globo de Produção, 2010) no qual um personagem adulto (homem) relata que foi vítima de VS durante a infância para o seu terapeuta. Concluindo o documentário, o bloco “mensagem final” foi composto por recados da vítima e dos profes-

sionais para meninos vítimas de VS. Tais recados enfatizaram a importância da revelação e os benefícios em fazê-la.

Após a edição de cada bloco, estes foram agrupados, dando origem a somente um bloco contínuo. Realizou-se uma nova edição com o uso das ferramentas do software Adobe Premiere CS3. Foram incluídas trilhas sonoras em determinadas partes do documentário com o objetivo de torná-lo mais atraente. Após, foram inseridas as legendas de identificação dos participantes e os créditos finais com a apresentação textual de todos os componentes da equipe responsável pelo documentário, bem como demais referências a materiais utilizados (imagens, filme, novela e músicas). A versão final do documentário foi revisada pela equipe responsável por sua produção e os ajustes necessários foram realizados. Em seguida, o material foi compactado por meio do software Format Factory 2.60 e armazenado em um site para vídeos <http://vimeo.com/22827535>. O tempo total de duração do documentário foi de aproximadamente 26 minutos.

### UTILIZAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO COM MENINOS VÍTIMAS DE VS

Anterior a sua utilização com meninos vítimas de VS em psicoterapia, o link de acesso para visualização do documentário foi enviado por e-mail para profissionais e pesquisadores que atuam nesta temática. Foi solicitado que o documentário fosse assistido e que as opiniões acerca dele fossem encaminhadas para os responsáveis pela sua elaboração. O objetivo deste procedimento foi obter opiniões e comentários sobre o material a fim de qualificá-lo.

O retorno dos profissionais e pesquisadores acerca do documentário foi positivo. As avaliações enfatizaram a adequação do material como pode ser verificado nos comentários a seguir: “É mais um material bem feito que vai nos ajudar no enfrentamento da temática. Achei próprio para trabalhar com adolescentes” (Professora, especialista em violência contra crianças e adolescentes); “Fantástico, ficou excelente, super humano, realmente toca e desperta uma confiança de que se pode superar esta violência que é a experiência do abuso. É um vídeo encorajador” (Psicóloga, doutora em psicologia, pesquisadora em cognição social); “O vídeo ficou realmente muito bom. Vai nos ajudar bastante nessa tarefa de confortar crianças e adolescentes que foram vítimas de VS. Não é piegas, não traz choro, mas mostra de forma eficiente como esse problema tem de ser enfrentado” (Juiz da infância e juventude, especialista

em direitos da infância e da adolescência,); “Está bem claro e certamente bem elaborado e auxiliará crianças e adolescentes que vivem essa situação a perceberem sobre as possibilidades de re-construção de suas vidas” (Psicóloga, doutora em psicologia, pesquisadora em desenvolvimento humano em situações de risco); “É um trabalho sério e de qualidade que pode ajudar a muitas pessoas, tanto profissionais quanto vítimas” (Psicóloga, doutora em psicologia, pesquisadora em adolescência).

Diante da aprovação do documentário pelos profissionais e pesquisadores consultados, o mesmo foi utilizado durante a segunda sessão de um modelo de psicoterapia cognitivo-comportamental focada na VS com meninos vítimas adaptado a partir do modelo de Habigzang et al. (2009). Os objetivos dessa sessão consistiram em realizar a psicoeducação sobre VS (o que é VS, suas características e consequências), obter o relato da experiência de VS e abordar o impacto afetivo da revelação.

Três meninos vítimas de VS assistiram individualmente ao documentário durante a segunda sessão da psicoterapia. Dois deles, oito e 16 anos, respectivamente, foram vítimas de VS intrafamiliar e o terceiro foi vítima de VS extrafamiliar (14 anos). Todos eles assistiram ao documentário com muita atenção. Ao final de cada exibição, foi solicitado a cada menino que fizessem comentários sobre o que haviam assistido.

Os comentários feitos pelos meninos indicam a adequação de sua utilização no processo de psicoterapia: “Achei bom; porque fala de coisas que aconteceram comigo também... do abuso” (menino, oito anos); “Bem como é mesmo... como acontece” (menino, 16 anos). Estes comentários evidenciaram a identificação de cada menino com a estória abordada no documentário. Ao identificar aspectos comuns entre sua estória de VS e o conteúdo abordado no documentário, sentimentos de estigmatização comuns em vítimas de VS podem ser minimizados.

Além disso, os meninos também teceram comentários sobre as informações acerca das características e dinâmica da VS abordadas no documentário: “conta bastante” (em relação às informações sobre VS – menino, 16 anos); “interessante... porque ele sofreu tudo e não tinha ninguém pra confiar, pra falar... tinha vergonha” (menino, 14 anos). Vítimas acreditam que são culpadas pela VS por não terem revelado sua ocorrência logo após os primeiros episódios. Diante disso, o conhecimento da complexa dinâmica da VS na qual os agressores utilizam diferentes mecanismos, tais como ameaças, barganhas e chantagens, para que as vítimas não revelem a VS pode contribuir na redução desses sentimentos de culpa.

Um dos meninos (16 anos) fez um comentário sobre o trecho que aborda a importância da psicoterapia: “legal que tudo deu certo... e a terapia”. Cogitase, a partir desse comentário, que o documentário possa ser utilizado também como um motivador para o engajamento das vítimas na psicoterapia, uma vez que frente à complexidade das situações de VS e da ansiedade mobilizada é comum que ocorram desistências (Araújo, 2002; Pires Filho, 2007).

A exibição do documentário também facilitou o relato das situações de VS sofridas pelos meninos, tendo em vista que todos conseguiram relatar suas experiências. Diante da dificuldade que as vítimas têm em falar a respeito da VS (Almeida, et al., 2009; Furniss, 1993; Sanderson, 2005; Weiss, 2010) acredita-se que a utilização do documentário como um dispositivo facilitador foi benéfica à elaboração de narrativas sobre a VS. A elaboração dessas narrativas permite que sejam identificadas cognições disfuncionais das vítimas, tais como a autocolpabilização pela ocorrência da VS e, assim, iniciar o trabalho de reestruturação da memória traumática e modificação de crenças e comportamentos disfuncionais decorrentes da VS.

A aprovação do documentário pelos profissionais e pesquisadores consultados, bem como os resultados de sua utilização com meninos vítimas de VS motivou a equipe responsável a distribuí-lo gratuitamente para centros de atendimento às situações de violência (Centros de Referência em Assistência Social – CREAS, Conselhos Tutelares, dentre outros). Para tal, foram realizados contatos com possíveis parceiros para obter financiamento para a distribuição. Uma editora de livros e uma Secretaria vinculada ao governo estadual do Rio Grande do Sul demonstraram interesse em realizar o financiamento. Atualmente, as cópias do documentário estão sendo produzidas para posterior distribuição em nível nacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário *Superar – a violência sexual contra meninos* foi produzido com o objetivo de ser utilizado como dispositivo facilitador para o relato de meninos vítimas de VS em psicoterapia. Tal objetivo vem sendo alcançado, uma vez que profissionais e pesquisadores consultados apontaram a adequação do material e a utilização do documentário com três meninos mostrou-se satisfatória. Diante disso, pretende-se distribuí-lo nacionalmente, contribuindo assim, para o processo de maior visibilidade social acerca da VS contra meninos (Holmes et al., 1997).

A difusão científica abarca todos os processos ou recursos empregados com o intuito de comunicar informações científicas ou tecnológicas. Abarca dois outros conceitos: disseminação e divulgação científica. O primeiro refere-se ao compartilhamento das informações científicas ou tecnológicas entre especialistas, enquanto que a divulgação é dirigida ao público em geral (Bueno, 1985). Supõe-se, diante disso, que o documentário produzido pode ser considerado um meio de disseminação e divulgação científica, pois foi produzido com base em informações científicas de estudos sobre a temática (Almeida et al., 2009; Collings, 1995; Holmes e Slap, 1998; Kristensen, 1996; Lisak, 1994; Pinto Junior, 2005; Pires Filho, 2007; Steever, Follete e Naugle, 2001; Tremblay e Turcotte, 2005; Ulman e Filipas, 2005; Weiss, 2010) e teve como parâmetro sobre a abordagem da temática, nesse tipo de veiculação, um documentário já utilizado com o público em geral (Atena Produções, 2005).

Embora as avaliações e utilização do documentário produzido tenham indicado a sua adequação, demais avaliações são necessárias, tais como a realizada no estudo de Camargo, Barbará e Bertoldo (2008). Neste, alunos de ensino médio assistiram a dois vídeos documentários sobre HIV/Aids e, após a exibição, responderam a um teste para medir o conhecimento científico sobre o HIV/Aids. Por meio do estudo foi concluído que os alunos que assistiram a um dos vídeos documentários (com abordagem científica do assunto) apresentaram aumento no escore do teste aplicado (Camargo, Barbará e Bertoldo, 2008). A realização de estudos semelhantes com documentários sobre VS requer um instrumento para verificar conhecimentos sobre a temática entre os participantes, tais como profissionais da rede de proteção. No estudo de Brino e Williams (2003) foi desenvolvido um instrumento para verificar o conhecimento sobre VS de educadoras participantes antes e após uma capacitação sobre VS. O Questionário sobre Conhecimentos e Crenças a respeito de Abuso Sexual (Brino e Williams, 2003) é composto por 43 afirmações sobre VS que devem ser assinaladas como verdadeiras ou falsas pelos respondentes. Futuramente pode-se realizar um estudo utilizando esse instrumento na avaliação do documentário *Superar – a violência sexual contra meninos*.

A experiência de produzir um documentário sobre VS contra meninos se configurou como um desafio, tanto pela temática em si, quanto pela necessidade de articular conhecimento de áreas distintas (Psicologia e Comunicação Social). Soma-se a isso a carência de materiais, sejam eles científicos ou não, acerca da

VS contra meninos, que poderiam ser utilizados como embasamento para a produção do documentário. Assim, acredita-se que o Superar – a violência sexual contra meninos possa ser um recurso para que a temática seja mais abordada e, dessa forma, colabore para o enfrentamento à VS contra meninos.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, T.M.C., Penso, M.A.P. & Costa, L.F. (2009). Abuso sexual infantil masculino: o gênero configura o sofrimento e o destino? *Estilos da Clínica*, 14(26), 46-67.
- Araújo, M.F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*, 7, 3-11.
- Atena Produções. (Produtora). (2005). Canto de cicatriz [DVD]. Porto Alegre: Atena Produções.
- Brasil (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. *Diário Oficial da União*. Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Brasília, DF.
- Brino, R.F. & Williams, L.C.A. (2003). Capacitação do educador acerca do abuso sexual infantil. *Interação em Psicologia*, 7(2), 1-10.
- Bueno, W. (1985). Jornalismo científico. *Ciência e Cultura*, 37(9), 1420-1427.
- Camargo, B.V., Barbará, A. & Bertoldo, R.B. (2008). A influência de vídeos documentários na divulgação científica de conhecimento sobre a Aids. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 179-185.
- Central Globo de Produção (2010, 18 de outubro). *Passione* [novela]. Rede Globo.
- Cerqueira-Santos, E., Rezende, N. & Correa, Priscilla (2010). Adolescentes vítimas de exploração sexual: um estudo de casos múltiplos. *Contextos Clínicos*, 3(2), 113-123.
- Collings, S. J. (1995). The long-term effects of contact and noncontact forms of child sexual abuse in a sample of university men. *Child Abuse & Neglect*, 19, 1-6
- Dobke, V.M., Santos, S.S. & Dell’Aglío, D.D. (2010). Abuso sexual intrafamiliar: da notificação ao depoimento no contexto processual-penal. *Temas em Psicologia*, 18(1), 167-176.
- Furniss, T. (1993). *Abuso sexual da criança: Uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Habigzang, L.F., Hatzenberger, R. Dala Corte, F., Stroehrer, F. & Koller, S.H. (2006). Grupos terapêuticos cognitivo-comportamentais para meninas vítimas de abuso sexual: Descrição de um modelo de intervenção. *Psicologia Clínica*, 18(2), 163-182.
- Habigzang, L.F., Koller, S.H., Azevedo, G.A. & Machado, P.X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: Aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 341-348.
- Habigzang, L.F., Stroehrer, F.H., Hatzenberger, R., Cunha, R.C., Ramos, M.S. & Koller, S.H. (2009). Grupos terapêuticos cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Revista de Saúde Pública*, 43(1), 70-78.
- Holmes, G.R., Offen, L. & Waller, G. (1997). See no evil, hear no evil, speak no evil: Why do relatively few male victims of childhood sexual abuse receive help for abuse-related issues in adulthood. *Clinical Psychology Review*, 17(1), 60-88.
- Holmes, W.C. & Slap G.B. (1998). Sexual abuse of boys: Definition, prevalence, correlates, sequelae and management. *Journal of American Medical Association*, 180, 1855-1862.
- Inoue, S.R. & Ristum, M. (2008). Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de Psicologia*, 25(1), 11-21.
- Kristensen, C.H. (1996). *Abuso sexual em meninos*. Dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Lee Daniels (Produtor). (2004). O lenhador [Filme]. EUA: Newmarket Film Group.
- Lisak, D. (1994). The psychological impact of sexual abuse: Content Analysis of interviews with male survivors. *Journal of Traumatic Stress*, 7(4), 525-548.
- Lucânia, E.R., Miyazaki, M.C.O. S. & Domingos, N.A.M.P. (2008). Projeto Acolher: caracterização de pacientes e relato do atendimento psicológico a pessoas sexualmente vitimadas. *Temas em Psicologia*, 16(1), 73-82.
- Martins, C.B.G. & Jorge, M.H.P.M. (2010). Abuso sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil. *Texto & Contexto Enfermagem*, 19(2), 246-255.
- Ministério da Saúde (2002). Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: Um passo a mais na cidadania em saúde. Brasília: Secretaria de Assistência à Saúde.
- Padilha, M.G.S. & Gomide, P.I.C. (2004). Descrição de um processo terapêutico para adolescentes vítimas de abuso sexual. *Estudos de Psicologia*, 9(1), 53-61.
- Pelisoli, C., Pires, J.P.M., Almeida, M.E. & Dell’Aglío, D.D. (2010). Violência sexual contra crianças e adolescentes: dados de um serviço de referência. *Temas em Psicologia*, 18(1), 85-97.
- Pfeiffer, L. & Salvagni, E.P. (2005). Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 197-204.
- Pinto Junior, A.A. (2005). *Violência sexual doméstica contra meninos: um estudo fenomenológico*. São Paulo: Vetor.
- Pires Filho, M.F. (2007). *Violência intrafamiliar: a compreensão de psicólogos que atendem em instituições crianças do sexo masculino, vítimas de abuso sexual*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- PlayArte. (Produtora). (1996). *Marcas do Silêncio* [DVD]. EUA: PlayArte.
- Polanczyk, G.V., Zavaschi, L., Benetti, S., Zenker, R. & Gammerman, P.W. (2003). Violência sexual e sua prevalência em adolescentes de Porto Alegre, Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 37(1), 8-14.
- Programa nacional de enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes (2010). Relatório Disque Denúncia Nacional. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.
- Sanderson, C. (2005). *Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abusos sexuais e pedofilia*. (F. de Oliveira, Trad.). São Paulo: M. Books do Brasil.

- Souza, L.W., Kuhn, C. & Lima, P.E. (Produtores). (1999). De braços abertos [filme]. Verbo Filmes (produzido para a Campanha da Fraternidade de 2000).
- Steever, E.E., Follete, V.M. & Naugle, A.E. (2001). The correlates of male adults' perceptions of their early sexual experiences. *Journal of Traumatic Stress, 14*, 189-204.
- Tremblay, G. & Turcotte, P. (2005). Gender identity construction and sexual orientation in sexually abused males. *International Journal of Men's Health, 4*(2), 131-147.
- Ullman, S.E. & Filipas, H.H. (2005). Gender differences in social reactions to abuse disclosures, post-abuse coping, and PTSD of child sexual abuse survivors. *Child Abuse & Neglect, 29*, 767-782.
- Weiss, K.G. (2010). Male sexual victimization: examining men's experiences of rape and sexual assault. *Men and Masculinities, 12*(3), 275-298.

Recebido em: 03.08.2011. Aceito em: 20.03.2012

**Autores:**

Jean Von Hohendorff – Psicólogo, Mestre e Doutorando em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFRGS.

Luísa Fernanda Habigzang – Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia, Pós-Doutoranda PRODOC/CAPES, Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFRGS.

Leandro Soares Rodrigues – Jornalista, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS.

Silvia Helena Koller – Psicóloga, Mestre em Psicologia, Doutora em Educação – Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFRGS, Pesquisadora 1A do CNPq.

**Enviar correspondência para:**

Jean Von Hohendorff  
Centro de Estudos Psicológicos CEP-Rua  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFRGS  
Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Bairro Santa Cecília  
CEP 90035-003, Porto Alegre, RS, Brasil  
E-mail: jhohendorff@gmail.com